

## LEITURA IMANENTE E A SUPERAÇÃO DO ANALFABETISMO FUNCIONAL

Prof. Dr. Ciro Bezerra <sup>1</sup>  
Sabryna Amonyta <sup>2</sup>  
Dennes Oliveira dos Santos <sup>3</sup>  
Fernanda Ferreira Cardoso <sup>4</sup>

### RESUMO

Cresce assustadoramente nas instituições de ensino superior no Brasil e no mundo o número de estudantes que nelas ingressam sem condições intelectuais mínimas de acompanhar bem os diversos cursos oferecidos. E este é um problema que atinge todas as ciências: naturais, exatas e humanas; e que muitos têm nomeado de “analfabetismo acadêmico”. Paulo Carlino, por exemplo, adverte que a alfabetização e/ou letramento não ocorre apenas no início da formação, mas em todas as etapas escolar. No Brasil nas etapas do ensino fundamental, médio e superior. Haveria não apenas diferenças nos conteúdos socializados, exigindo maturidade cognitiva dos estudantes, mas há, sobretudo, diferenças culturais, processos formativos descontínuos, que exigem tratamento pedagógico específico. Nossas pesquisas apontam para um fato fundamental: o problema é que historicamente a formação escolar no ocidente, influenciada pela antiga educação religiosa, insiste na ideia de ensino e não no estudo, ainda que todos concordemos com Paulo Freire que “ninguém ensina ninguém, nós aprendemos em comunhão”. A tese de Freire é semelhante à de Sócrates, no diálogo Menon de Platão: “não é possível ensinar a virtude”. E desde Hesíodo sabemos disso, que a virtude se conquista com o “trabalho do corpo”. Todavia, o estudo tem sido desprezado pela multidão de pesquisadores socioeducativos, que tem priorizado outros objetos: currículo, formação, avaliação, entre outros. Mesmo nas pesquisas sobre alfabetização e letramento tal fato não muda. Para quebrar esse silêncio propomos este método de estudo que é a leitura imanente.

**Palavras-chave:** leitura imanente, sequência pedagógica e analfabetismo funcional

### INTRODUÇÃO

A ti boas coisas falarei, ó Perses, grande tolo! Adquirir a miséria, mesmo que seja em abundância, é fácil; plana é a rota e perto ela reside. Mas diante da virtude, suor puseram os deuses imortais, longa e íngreme é a via até ela, áspera de início, mas depois que atinges o topo, fácil desde então é, embora difícil seja.

Hesíodo, *Os trabalhos e os dias*

<sup>1</sup>Professor Doutor pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL, [ciro.ufal@gmail.com](mailto:ciro.ufal@gmail.com);

<sup>2</sup> Universidade Federal de Alagoas – UFAL, [binakirakira@hotmail.com](mailto:binakirakira@hotmail.com);

<sup>3</sup> Universidade Federal de Alagoas – UFAL, [dennesoliveira@hotmail.com](mailto:dennesoliveira@hotmail.com);

<sup>4</sup> Universidade Federal de Alagoas – UFAL, [fernandaferreiracardosoffc@gmail.com](mailto:fernandaferreiracardosoffc@gmail.com);

Nossa tese é que a apropriação de conhecimentos pelos atores pedagógicos (estudantes e professores) consiste, simultaneamente, na prévia apropriação de espaços sociais, na configuração de diversos espaços geográficos, que devem ser integrados e articulados entre si, para facilitar o “uso” dos diversos recursos pedagógicos necessários ao estudo e a pesquisa, e isto simultaneamente. Os protagonistas deste ordenamento espacial do trabalho pedagógico devem ser, *exclusivamente*, estudantes, professores, pesquisadores e arquitetos. Sem este ordenamento espacial protagonizado por esses atores o estudo ou a produção, socialização e apropriação de conhecimentos se realizam de forma precária e oligárquica, e seus objetivos e metas ou serão totalmente frustrados ou resultarão inexecutáveis. É o que justifica os pífios resultados das ciências e da escolarização nas sociedades dependentes, que herdaram as marcas geohistóricas da colonização: a “dialética do senhor e do escravo”, as formas oligárquicas e aristocráticas de poder, materializadas na cultura da subserviência e da “servidão voluntária” às autoridades institucionais: políticas, jurídicas e administrativas.

O método da leitura imanente é um procedimento sistemático de estudar, uma didática de estudo. O objetivo é elevar a capacidade cognitiva de produção, socialização e apropriação de conhecimentos. Portanto, o foco do método é o estudo. E o que é estudo? Estudo é uma forma concreta de trabalho: trabalho intelectual. No processo de escolarização o trabalho intelectual é realizado, sobretudo, por dois tipos bem específicos de trabalhadores: professores e estudantes. Daí admitirmos ser razoável nomear este trabalho de trabalho pedagógico.

Nos parece precisa e reveladora, quando pensamos na concretude do trabalho pedagógico, uma das definições de Marx do trabalho humano, formulada em O Capital: “*atividade humana sensível*”. O estudo ou trabalho pedagógico é, então, para nós, uma “*atividade humana sensível*”. Portanto, o método da leitura imanente, em nossa perspectiva, é um método de estudo, uma didática de estudo. Ele pode ser utilizado para fazer estudos sistemáticos, por exemplo, revisão bibliográfica ou revisão de literatura e estudo da arte.

Mas, além da leitura imanente contribuir, de um modo geral e efetivo, com a pesquisa acadêmica, possível de ser utilizado em todos os campos das ciências: naturais, exatas e humanas; o método é um forte antídoto à alfabetização funcional e/ou instrumental (profissional); e tem o poder de extirpar o analfabetismo funcional. Pode também contribuir para o professor elaborar o seu *plano de aula* e trabalhar com mais precisão os conteúdos dos componentes curriculares. O objetivo perseguido é transformar o leitor em escritor. Isto é, enquanto estudamos desenvolvemos habilidades e competências atribuídas a autoria. Outro objetivo é desenvolver a autonomia intelectual, que nas sociedades contemporâneas pressupõe

a capacidade de ler (compreender e interpretar) e escrever com clareza, coerência, coesão, unidade temática e considerando, sobretudo, a didática de organização e exposição textual, dos trabalhos acadêmicos e livros didáticos, consagrada historicamente em *introdução*, *desenvolvimento* e *conclusão*.

## METODOLOGIA

O método da leitura imanente é dotado de quatro aplicativos ou momentos, organizados em uma sequência pedagógica: [1] *diálogo crítico*; [2] *mapa das unidades significativas e unidades epistemológicas*; [3] *diário etnográfico* e [4] *interpretação compreensiva*. Os aplicativos são realizados simultaneamente, exceto a *interpretação compreensiva*. Mas muito da *interpretação compreensiva* já se manifesta na elaboração do *diálogo crítico*, por conseguinte, esta exceção é relativa.

Esta forma metódica de nos apropriarmos de forma regular e sistemática dos conhecimentos existentes, de se estudar usando o método da leitura imanente, quebra, e de forma radical, a lógica sequencial, etapista e evolutiva da escolarização e do pensamento linear, efeitos da taylorização do trabalho pedagógico nas instituições de ensino: e isto da educação infantil à pós-graduação (*latu e strictu sensu*).

A nossa perspectiva de apropriação de conhecimento, pelo método da leitura imanente, propõe outra dinâmica. Prioriza a dinâmica espacial em detrimento da dinâmica temporal. O que se postula e se prioriza com a leitura imanente é o sentido geográfico do estudo, fundado na simultaneidade dos fatos existenciais e da própria vida. Em vez de Ensino de Geografia nos propomos compreender a geografia do estudo ou geografia da apropriação dos conhecimentos, e, desta forma, procuramos romper e superar a *epistemologia da pedagogia bancária* ou *epistemologia da prática profissional docente*.

## DESENVOLVIMENTO

*A formação de si* é inspirada na filosofia estoica, sobretudo na filosofia de Sêneca. Um de nossos esforços tem sido incorporar a *filosofia estoica senecista* ao método de leitura imanente. Porque entendemos que estudar e pesquisar é um modo de viver, um modo de vida, não está relacionado à dinheiro, produtividade intelectual, prova ou concurso público. Nesse sentido, estudar é um tipo de trabalho artesanal. É, na sua mais plena significação, arte. A

filosofia antiga, de acordo com Pierre Hadot, compreendia a filosofia como modo de vida. Mas há, certamente, um pressuposto incontornável para filosofar, para se tornar sábio: o estudo.

Socráticos, epicuristas e estoicistas vincularam o estudo a *estética da existência* e a *ética das virtudes*. O que consubstanciou um *ethos* que repudia a banalização da vida. O estudo é o caminho para alcançar, segundo Sêneca, a *tranquilidade da alma*. É também o caminho para promover a *catarse artística ou catarse estética*: fazer da vida uma obra de arte. E, assim, depurar a vida através da *askesis*, isto é, dos “exercícios espirituais” ou das “técnicas de si”, como são o estudo e a pesquisa, para conquistar o bem viver. O bem viver é lugar e condição de repouso da alma e da vida do sábio, incrementado pela dinâmica da filosofia. Para desfrutar plenamente desta dinâmica, não basta fazer discurso filosófico, é necessário viver como filósofo. A autenticidade da dinâmica filosófica está em como se vive e não em como se discursa e se escreve. Há, assim, uma inversão radical da escolarização moderna. Mais do que ler e escrever ou aprender a usar a língua, sábio é saber viver.

Então, concordando como os filósofos antigos, afirmamos com todas as forças de nosso coração, de nossos pulmões e de nossas razões que *estudar e pesquisar são modos de viver a vida, formas de existir no mundo com os outros*.

Vale dizer, há muito tempo que eu vivo para estudar. Esse é o sentido da minha existência no mundo, meu trabalho, “*atividade humana sensível*”; a forma que encontrei para “sensibilizar” os meus sentimentos e sensações, vivendo no mundo com os outros. Plenamente consciente disto, ocupo-me o dia inteiro com o estudo. Vivo estudando porque além do estudo me proporcionar um imenso prazer, “orgasmos múltiplos”, é fonte de liberdade. Mais importante do que isso: foi eu quem decidi assim! Mas qual o problema desta ocupação? É que o estudo enriquece apenas o estudante, e por isso enquanto personifico a forma social estudante não sou remunerado por esse trabalho. Observamos que professor é uma pessoa humana que optou por envelhecer estudando e nem por isso tornar-se-á materialmente rico. Os empresários capitalistas negam-se a remunerar quem estuda, tampouco investem nesta atividade laboral. Eles tentam e, paratanto, usam todos os seus recursos e mobilizam todas as forças políticas que controlam, para transferir esse “ônus social” às famílias e ao Estado Nação. Eis o motivo de não haver pesquisa na imensa maioria das instituições privadas de ensino.

Para o capital, a única formação razoável é a *formação profissional ou alfabetização funcional*: formação voltada exclusivamente para as pessoas ocuparem uma função administrativa, também chamada de ocupação profissional e assim serem administradas. Portanto, é através da profissionalização que se monetariza e se mercantiliza a produção,

socialização e apropriação de conhecimentos na modernidade. A formação profissional transforma mulheres e homens em meras mercadorias, coisas que se compra e vende no mercado de trabalho, por dinheiro ou equivalente geral.

Empresas privadas demandam força de trabalho qualificada e valorizada pela apropriação de conhecimentos, eis a fonte de valorização do capital na civilização moderna, de onde os empresários expropriam o excedente ou mais-valor em grande escala. A formação propedêutica é de uma outra natureza ontológica, ela possibilita ampliar o campo de percepção e o campo dos sentidos humanos, e a despertar as potencialidades humanas adormecidas.

O ponto de partida de nossos estudos sobre o método da leitura imanente, foram algumas obras do *filósofo* Sérgio Lessa, do *geógrafo* Sposito e da *pedagoga* Camargo. Esses estudos estão expostos no livro *Formação de Si: professores desacorrentados na cé(lu)la de aula*. Neles encontram-se todos os esforços de um conjunto de estudantes que contribuíram para aprimorar o método da leitura imanente. O desdobramento desses estudos conduziu-nos a elevar o estudo à objeto de investigação. E o resultado destes estão expostos no livro *Estudo e Virtude*, inspirado nas obras de Pierre Hadot, Ilse Hadot e nas Cartas a Lucílio de Aneu Sêneca.

Nossa contribuição tem sido o esforço para elevar esse método ao *status* do que entendemos ser *pedagogia*. Porque a pedagogia objetiva, sobretudo, desenvolver a maturidade intelectual e a capacidade de representar e pensar criticamente o mundo, a natureza, o gênero humano e a si mesmo, mas situado nesta capacidade de pensar e representar. Se há algum imperativo do método da leitura imanente é fazer as pessoas personificarem a *forma social pesquisador*. Mas *pesquisador crítico, engajado, orgânico* no sentido de Gramsci. A pedagogia da leitura imanente se propõe, então, a desenvolver a capacidade das pessoas humanas em formular respostas sociais, filosóficas, geográficas, etc.; portanto, em desenvolver a capacidade política de intervir de forma qualificada na sociedade.

O que se confirma com a leitura imanente é a descoberta grega ainda no século V: apenas o ser humano liberto das necessidades de sobrevivência estuda. *Só mulheres e homens livres estudam, trabalhadores assalariados apenas assistem aulas*. Qual o problema que está em questão? É que “*quando se assiste aula não se estuda, e quando se estuda não se assiste aula*”. Estudar é lutar previamente pela apropriação e humanização dos lugares onde se vive o tempo livre do trabalho assalariado, e isto a vida inteira! Ninguém, ser humano algum, estuda naturalmente, espontaneamente. O estudo é uma conquista geohistórica. É uma conquista que transcende o direito. Não basta a constituição de uma Nação estabelecer que a educação é “direito de todos e dever do Estado”, e mesmo um Direito Humano Universal. Porque,



concretamente, só se estuda em tempo livre. O estudo pressupõe um tempo socialmente necessário para os atores pedagógicos se apropriarem de conhecimentos. O que pressupõe também a apropriação de um determinado espaço, especificamente organizado para a realização das atividades intelectuais. Portanto, configurado geograficamente de uma determinada forma. E a organização desse tempo/espaço deve estar associada ao desenvolvimento intelectual e pedagógico de cada pessoa humana. O estudo exige uma arquitetura singular.

É um absurdo pedagógico tentar homogeneizar ou uniformizar o tempo/espaço de estudo, reduzi-lo à mísera *hora/aula* ou à *carga horária semanal média*, quando sabemos que o tempo pedagógico é diverso para cada pessoa. Obrigar, “comprimir o tempo” e oprimir as pessoas humanas a aprenderem, num curto intervalo de tempo, conforme normatiza e regula o Mercado-Estado (porque a normatização estatal sempre é decidida pelos partidos políticos empresariais), só pode resultar em repetência, evasão, distorção série/idade, aprovação automática entre semestres, anos, séries ou ciclos, resistência à aprendizagem, absenteísmo, fortalecimento dos obstáculos ao desenvolvimento cognitivo e violência nas escolas. E isto em grande escala. Ou então, resultar nessa massa populacional *alfabetizada funcionalmente*, que não sabe compreender ou interpretar textos clássicos de quaisquer ciências humanas, e não tem a menor condição de apreciar e muito menos vivenciar a arte literária (o conceito da categoria *alfabetizado ou letrado funcional* é diferente de *analfabeto funcional ou iletrado*).

Nestas circunstâncias, é notório o caráter inovador e criativo da *formação de si*. Ela promove uma inversão completa de como vem sendo pensado e promovido as políticas de formação de professores na modernidade. Podemos tomar como marco geohistórico destas políticas o final do século XIX. No século XX elas se consolidaram nas políticas de formação profissional. E são estas políticas que, na contemporaneidade, constituem-se imprescindíveis ao sistema-mundo globalizado pelo capital.

A inovação da sequência didática da leitura imante ganha sentido quando admitimos esta sequência como um método de estudo. Ora, parece-nos irrefutável a tese de que o estudo sistemático contribui, efetivamente, na formação dos atores pedagógicos (professores e estudantes). Mas isto porque contribui, antes, e fundamentalmente, com a *formação de si*. Independentemente se as pessoas são, pretendem, serão ou não professores e pesquisadores, ou melhor, intelectuais.

A *formação de si*, mediada pelo estudo ou trabalho pedagógico (porque estudar e pesquisar é trabalhar, e muito!), contribui para desenvolver as potencialidades cognitivas da humanidade. A autonomia intelectual e o desenvolvimento cognitivo são apenas duas, dentre

tantas outras potencialidades humanas, despertadas pelas atividades de estudar e pesquisar. Portanto, há, neste tipo de *trabalho de si, em si, por si e para si* um princípio pedagógico, porque educativo, e que merece ser investigado, a despeito da relevância do ensino e das necessidades de se saber ler e escrever ou usar a língua escrita em um mundo letrado.

É nisto que temos concentrado nossas pesquisas nestes últimos 15 anos. Temos valorizado eticamente e elevado intelectualmente o estudo e a pesquisa à objeto de pesquisa. Alguns pensadores têm nos ajudado. Gorz, por exemplo, nos ajuda, quando postula: “Nenhuma instituição pode, no lugar dos indivíduos, realizar o trabalho de aprendizagem, de apropriação, de subjetivação. O sujeito nunca é socialmente dado, *ele é /.../ dado a si mesmo como um ser que tem de se fazer, ele mesmo, o que ele é*. Nada pode dispensá-lo dessa tarefa, nem obrigá-lo a realizá-lo” (GORZ, 2008, p. 20, grifos nossos). Pensamos ser esta tese o fundamento do trabalho pedagógico, a razão da existência da escola na modernidade, de conscientizar os atores pedagógicos, que apenas por meio da *formação de si*, isto é, do *trabalho de si, em si, por si e para si* eles são capazes de se fazerem a si mesmos, e vivendo assim com os outros no mundo.

Isto implica que para além da interação social na escola e da socialização dos conteúdos dos componentes curriculares, importa priorizar a análise da produção, socialização e apropriação de conhecimentos, pelos atores pedagógicos (professor e estudante). É preciso, então, enfatizar que nesse processo os seres humanos se fazem humanos.

Agora, isto que estamos nomeando como *formação de si* se propõe como *sistema pedagógico*. Mas sistema como os iluministas propuseram em sua *Enciclopédia ou Dicionário razoado das ciências, das artes e dos ofícios*, como um *conjunto de princípios e métodos específicos*. Certamente, não ignoramos a necessidade de ajustar esta noção de sistema, pois tal proposição foi feita em um espaço-tempo, não apenas distante, mas geohistoricamente diferente do nosso mundo, ainda no século XVIII. Mas nem por isso esse conceito de sistema deixa de ser válido e perde absolutamente o sentido em nossa era.

Na modernidade o *sistema de ensino de todas as Nações existentes em nosso planeta* se constituiu geograficamente porque foi erigido por uma categoria singular, e projetada pelas relações sociais desde 1.100 a. C.; uma categoria que pode ser considerada, hoje, como base da estruturação desse sistema: o trabalho dos atores pedagógicos: pesquisadores, professores (docentes) e estudantes (discentes). E, por ser assim, ele também é a chave da *formação de si*.

Considerando a definição iluminista de sistema admitimos que *a formação de si pode também ser considerada um sistema como tal*, porque possui princípios e métodos que a

estruturam. Mas a metodologia, neste caso, é a própria sequência didática, os momentos ou aplicativos do método da leitura imanente. Entre outras, as categorias basilares do sistema pedagógico da *formação de si* são: **trabalho pedagógico**, concebido como “atividade humana sensível”; **método**, compreendido como procedimento capaz de desenvolver a criatividade humana e posicionar teleologicamente os atores pedagógicos, na medida em que esse posicionamento define o lugar desses atores na geografia social e, neste lugar, o horizonte desses atores no âmbito da sociedade; **arte**, porque o objeto do trabalho pedagógico, o conhecimento, é trabalhado pelas pessoas humanas e atores pedagógicos de uma forma muito semelhante às formas como os artesãos trabalham os objetos artísticos: com as mãos, olhos, cérebros e a alma –corpo e alma–, que mobilizam diversos sentidos e, com isso, constroem o campo da percepção humana; **princípios**, os princípios e diretrizes da leitura imanente são ambivalentes, possuindo duas naturezas: *natureza norteadora*, neste caso o *estudo e a pesquisa* são as categorias norteadoras; e *natureza pedagógica e educativa*, neste caso a *amizade e o espírito da dádiva* é a categoria educadora. Por último, e apesar de já ter explicitado anteriormente, são as filosofias estoicas, epicuristas e marxistas que embasam e animam as proposições e postulados da *formação de si*.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em nossas vivências em pesquisas, ensino e extensão no ensino fundamental, médio e superior o método da leitura imanente vem se revelando, entre outras coisas, como terapêutico. Ele tem diminuído a ansiedade de estudantes com dificuldades de aprendizagem e conflito cognitivo: ortográfico e gramatical. Tem desenvolvido, significativamente, a capacidade intelectual dos estudantes. Por exemplo: capacidade em compreender, interpretar, em se autoavaliar; a capacidade da escrita de si e da análise crítica da escrita de outros; a capacidade de questionar e expressar criticamente suas reflexões e ponderações.

A leitura imanente é dotada de uma imensurável flexibilidade e versatilidade (versões). Se adequa perfeitamente às necessidades do querer aprender, à vontade de saber e às disposições de estudo dos atores pedagógicos (professores e estudantes). Dada esta versatilidade e flexibilidade, os momentos do método da leitura imanente podem ser convertidos em aplicativos de uma *plataforma on line*. Isto é, pode contribuir, imensamente, para elevar, inclusive, a qualidade dos Cursos de Educação à Distância. Sobretudo nos Cursos de Licenciaturas, cursos de formação de professores, e em todos as etapas educacionais: educação infantil, básica, graduação e pós-graduação (*latu e strictu sensu*). Mas não é uma



panaceia, não tem o poder de resolver os problemas gerados pela taylorização das escolas e universidades. Ele apenas resgata a filosofia humanista.

Nesse sentido, está comprometido com a formação humana, o que os gregos conceberam como Paideia. *A leitura imanente protagoniza uma poderosa formação intelectual, objetiva humanizar o ser humano; isto é, tornar viva as potencialidades mudas da humanidade do ser humano.* Também pode ser entendido como didática de estudo. O método não é mais do que uma sequência pedagógica singular. Esta sequência propõe uma formação humana diferente, nomeada por nós de *formação de si*. A *formação de si* confronta-se e contrapõe-se, como tipo específico de formação, com os projetos tradicionais de formação de professores: inicial e continuada (RESOLUÇÃO N° 59/2014-CONSUNI/UFAL, de 06/10/2014; RESOLUÇÃO N° 2/2015-MEC/CNE-CP, de 01/07/2015 e PARECER CNE/CP N° 2/2015, de 09/06/2015).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intervenção qualificada é possível porque os aplicativos pedagógicos do método da leitura imanente são movidos pela ética das virtudes, e, se usados regularmente, provocam habitus e disposições que até Deus duvida. Isto é, a pessoa que estuda e pesquisa de forma intensa, regular e profunda, com o método da leitura imanente, consubstancia o governo de si, a libertação de si, libertação da alienação de sua vida das ocupações que praticamente a maioria absoluta da população está obrigada a assumir por pura necessidade de sobrevivência. É assim que nós humanos nos tornamos livres e autônomos, personificando formas sociais que nos libertem da sujeição ao governo dos outros, de quem nunca ouvimos falar e desconhecemos completamente, a invisibilidade desse governo se expressa na abstração do vocábulo mercado. Mas, muitas vezes, nos liberta da alienação de nós mesmos, realizada por nossas próprias mãos, movidas por desejos que habitam nossos corpos e o comandam. É, de fato, uma revolução social e psicológica, o que podemos provocar com a socioterritorialização da pedagogia do método da leitura imanente.

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. 6ª edição. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.
- BEKER, H. S. *Truques da escrita: para começar e terminar teses, livros e artigos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

BEZERRA, C. *Estudo e Virtude: Formação de si no mundo com os outros e as contradições da educação brasileira*. Maceió: Grafmarques, 2019.

\_\_\_\_\_. *Sociologia do Trabalho Pedagógico & Formação Humana: Crítica à economia política do trabalho pedagógico*. Maceió: Grafmarques, 2019.

\_\_\_\_\_. *Professores Desacorrentados na-e-da Cé(lu)la de aula*. Leitura Imanente: um método para resistir e emancipar. Maceió: EDUFAL, 2019.

\_\_\_\_\_. *Conhecimento, Riqueza e Política: Um estudo sob a ótica da teoria social de Marx e da filosofia da práxis de Gramsci*. Maceió: EDUFAL, 2009.

BEZERRA, C. & AVELINO. *Território e Educação: Análise crítica das principais contribuições do Observatório das Metrôpoles*. Maceió: Grupo de Estudo Milton Santos e Sociologia do Trabalho Pedagógico e Formação Humana, 2015.

BIANCHETTI, L.; MACHADO, A. M. *A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações*. Florianópolis: Editora da UFSC; São Paulo: Cortez, 2002.

BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. RJ: Vozes, 2019.

\_\_\_\_\_. *O senso prático*. 3ª edição. Rio de Janeiro/Petrópolis: Vozes, 2013a.

\_\_\_\_\_. *Escritos de Educação*. 14º ed. RJ: Vozes, 2013b.

\_\_\_\_\_. *A distinção: Crítica social do julgamento*. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre, RS: Zouk, 2008.

\_\_\_\_\_. *Esboço de autoanálise*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. Efeitos de Lugar. In: BOURDIEU, P. *A miséria do mundo*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997, pp. 159-166.

\_\_\_\_\_. *Razões práticas: Sobre a teoria da ação*. São Paulo: Papirus, 1996a.

\_\_\_\_\_. *As Regras da Arte: Gênese e estrutura do campo literário*, Bourdieu. São Paulo: Companhia das Letras, 1996b.

BOURDIEU, P. & PASSERON, J.-C. *Los estudiantes y la cultura*. Barcelona: Editorial Labor, 1967.

BRITO, Luiz Percival L. B. *No lugar da leitura: biblioteca e formação*. Rio de Janeiro: Edições Brasil Literária, 2015.

\_\_\_\_\_. Leitura: acepções, sentidos e valor. In: *Nuances: estudos sobre Educação*. Presidente Prudente/SP, v. 21, n. 22, p. 18-31, jan./abr. 2012.

BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012, Volume II.

\_\_\_\_\_. *Uma história social do conhecimento: de Gutemberg a Diderot*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, Volume I.

CAILLÉ, A. *Antropologia do dom: O terceiro paradigma*. Petrópolis/Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

CAMARGO, M. A. B. *Alfabetização: introdução ao mundo do texto e ao texto do mundo*. Revista multidisciplinar, n. 3, jun. 2007.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. 9ª edição. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CARLINO, Paula. *Escrever, ler e aprender na universidade: uma introdução à alfabetização acadêmica*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2017.

- CATANI, A. M. *Vocabulário Bourdieu*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- COUMANS, F. *Escrita e Sociedade*. São Paulo: Parábola Editora, 2014.
- DESCARTES, René. *Discurso do método*. 2ª edição. São Paulo: DIFEL, 1973.
- Antologia de textos/Epicuro. Da natureza/Tito Lucrécio Caro. Da república/Marco Túlio Cícero. Consolação a minha mãe Hélvia; Da tranquilidade da alma; Medéia; Apocoloquintose do divino Cláudio/Lúcio Aneu Sêneca. Meditações/Marco Aurélio*; 3ª edição. São Paulo: Abril Cultural, 1985. (Os pensadores).
- ESPINOSA, Bento de. *Ética*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1992.
- FOUCAULT, Michel. *Ditos e escritos, volume V: ética, sexualidade, política*. 3ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- \_\_\_\_\_. *A coragem da verdade: o governo de si II: curso dado no Collège de France (1983-1984)*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- \_\_\_\_\_. *O governo de si e dos outros: curso no Collège de France (1982-1983)*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Do governo dos vivos: curso dado no Collège de France (1979-1980)*. São Paulo: Centro de Cultura Social, 2009.
- \_\_\_\_\_. *A Hermenêutica do sujeito*. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- \_\_\_\_\_. *História da sexualidade: O cuidado de si*. 10ª reimpressão. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985, Volume 3.
- GODBOUT, J. T. *O espírito da dádiva*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- GODELIER, M. *O enigma do dom*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001, p. 19-162.
- GRAMSCI, A. *Os Intelectuais e a organização da cultura*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.
- \_\_\_\_\_. *A concepção dialética da história*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.
- GURVITCH, Georges. *Os quadros sociais do conhecimento*. Lisboa: Moraes Editores, 1969.
- HADOT, Pierre. *O que é Filosofia Antiga?* 6ª edição 2014 e 2ª reimpressão 2017, São Paulo: Edições Loyola. 2017.
- \_\_\_\_\_. *Filosofia como maneira de viver: entrevistas de Jannie Carlier e Arnold I. Davidson*. São Paulo: É Realizações, 2016.
- \_\_\_\_\_. *Exercícios Espirituais e Filosofia Antiga*. São Paulo: É Realizações, 2014.
- HELLER, A. *Teoría de las necesidades en Marx*. 2ª edição. Barcelona: Provença, 1986.
- KOSIK, Karel. *Dialética do concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. 230 p.
- LESSA, S. Ortodoxia e Leitura Imanente. In: \_\_\_\_\_. *Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo*. 2ª edição. São Paulo: Cortez Editora, 2011, p. 09-21.
- MARTINS, J. de S. *Exclusão social e a nova desigualdade*. São Paulo: Paulus, 1997. (Coleção temas de atualidade).
- MARX, K. Grundrisse. *Manuscritos econômicos de 1857 e 1858: esboços da crítica da economia política*. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: UFRJ, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2004.

\_\_\_\_\_. *Manuscritos: economia y filosofía*. Madrid: Alianza Editorial, 1984.

\_\_\_\_\_. *O capital: crítica da economia política*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980, Volume I.

MARX, K. & ENGELS, F. *A ideologia alemã*. São Paulo: Martins fontes, 1980.

MARTINS, P. H. (Org). *A dívida entre os modernos: Discussão sobre os fundamentos e as regras do social*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002.

MAUSS, M. *Ensaio sobre a dívida*. Lisboa/Portugal: Edições 70, 2001.

POSTONE, M. *Tiempo, trabajo y dominación social: Una reinterpretación de la teoría crítica de Marx*. Madrid: Marcial Pons, 2006.

RIBEIRO, L. C. Qeiróz; KAZTMAN, R. (orgs.). *Acidade contra escola? Segregação urbana e Desigualdades Educacionais em Grandes Cidade da América Latina*.

SANTOS, M. O dinheiro e o território. In: SANTOS, Milton. et al. *Território, territórios: Ensaio sobre ordenamento territorial*. 3ª edição. São Paulo: Lamparina, 2011, pp. 13-21.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. *O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SÊNECA. *Sobre os enganos do mundo*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

SILVA, N. M. B. da. O conceito da amizade a partir de La Boétie. In: *A amizade em Montaigne*. 2010. 137 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, São Paulo, p. 18 - 26.

SMITH, A. *A riqueza das nações: investigação sobre sua natureza e suas causas*. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, vol. I, 1985.

SPOSITO, E. S. Elementos do Método. In: *Geografia e filosofia: Contribuição para o ensino do pensamento geográfico* – SP: UNESP, 2004.

\_\_\_\_\_. Teoria e Conhecimento e Realidade Objetiva. In: *Geografia e filosofia: Contribuição para o ensino do pensamento geográfico* – SP: UNESP, 2004.

\_\_\_\_\_. Leitura e Interpretação dos textos. In: *Geografia e filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico* – SP: UNESP, 2004.